

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**PSICOPATIA E RECONHECIMENTO DE FACES EMOCIONAIS EM
PRESIDIÁRIAS**

ROBERTA SALVADOR-SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Porto Alegre
Janeiro, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PSICOPATIA E RECONHECIMENTO DE FACES EMOCIONAIS EM
PRESIDIÁRIAS

ROBERTA SALVADOR-SILVA

ORIENTADOR: PROFA. DRA. ADRIANE ARTECHE

CO-ORIENTADOR: PROF. DR. SILVIO JOSÉ LEMOS VASCONCELLOS

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração Cognição Humana.

Porto Alegre

Janeiro, 2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**PSICOPATIA E RECONHECIMENTO DE FACES EMOCIONAIS EM
PRESIDIÁRIAS**

ROBERTA SALVADOR-SILVA

COMISSÃO EXAMINADORA:

DR. JOSÉ GERALDO VERNET TABORDA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

DR. RICARDO WAINER

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

DR^a. ROSA MARIA DE ALMEIDA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

Janeiro, 2014

AGRADECIMENTOS

Com satisfação agradeço a orientação e o apoio da minha orientadora, Adriane Arteche, por incentivar as minhas escolhas e, em momento algum, ter duvidado de que conseguiríamos executá-las.

Ao meu co-orientador, Silvio Vasconcellos, pela confiança e parceria há mais de sete anos e pelo entusiasmo contagiante pela pesquisa científica, responsável, em grande parte, pelas minhas escolhas acadêmicas.

A Nelson Hauck-Filho, agradeço pela parceria de longa data, pelas trocas, contribuições e grandes ensinamentos!

À Tércia Davóglio, agradeço pelas contribuições, inspirações e pelo companheirismo em mais uma etapa!

À minha equipe de pesquisa, sem a qual este estudo não seria viável, agradeço a Guilherme Ferreira e Pedro de Castro Tedesco pelo compromisso e importante contribuição. À Líssia Ana Basso e Karine Laine, pela extrema competência e por terem sido incansáveis ao longo desses meses! Agradeço também as minhas colegas do Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT), Ângela Grizon, Fabielle Vivian, Vitória Bosak e Gabriela Chula pela disponibilidade de sempre.

À Profa. Rosa Almeida e ao Prof. Ricardo Wainer, agradeço pelas importantes contribuições no exame de qualificação desta dissertação.

Agradeço à equipe de funcionários da Penitenciária Feminina Madre Pelletier e Casa Albergue Feminino (CAF) pela parceria estabelecida e por terem viabilizado a execução desta pesquisa.

Por fim, agradeço o Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS e CNPq pelo incentivo e apoio à minha formação e a Casa do Psicólogo/Pearson pelo financiamento dos instrumentos utilizados neste estudo.

RESUMO

JUSTIFICATIVA: Psicopatas apresentam prejuízos relacionados ao processamento emocional. Dados sobre a habilidade de reconhecer faces emocionais não são convergentes. Estudos anteriores apresentam ausência de convergência metodológica, principalmente em relação ao tempo de exposição dos estímulos, e viés de sexo nas amostras, com a maioria dos estudos com foco em amostras masculinas. A presente dissertação teve como objetivo geral investigar características da psicopatia em mulheres presidiárias, sendo composta por dois estudos empíricos. O primeiro estudo objetivou verificar o reconhecimento de expressões faciais de emoções em psicopatas e o segundo estudo investigou se a psicopatia apresentada pela mesma amostra mostra-se isomorfa ao Transtorno da Personalidade Antissocial (TPA) ou se pode ser discriminante para diferentes padrões de pontuação para os critérios de TPA.

MÉTODO: 109 presidiárias da cidade de Porto Alegre – Brasil foram avaliadas e, com base nos escores do PCL-R e SCID-II, foram formados três grupos: 1) 33 presidiárias com psicopatia (PCL-R \geq 30); 2) 43 presidiárias com TPA (PCL-R $<$ 20); e 3) 33 presidiárias sem nenhum transtorno da personalidade (grupo controle) (PCL-R $<$ 10). No primeiro estudo as participantes responderam a uma tarefa de reconhecimento de expressões faciais de emoções. No segundo estudo, foi utilizada Análise de Classes Latentes, com base nos escores dos mesmos instrumentos, para verificar se a psicopatia distingue entre classes latentes as presidiárias com diagnóstico clínico de TPA.

RESULTADOS: O primeiro estudo revelou déficits significativos no reconhecimento de emoções negativas (medo, tristeza e nojo) no grupo de psicopatas, com maior tamanho de efeito observado no processamento de medo, especificamente quando os estímulos foram apresentados em 200 ms. Também foram verificados déficits no grupo de TPA para a emoção de medo e de nojo no tempo mais breve de exposição em comparação ao grupo controle. No segundo estudo foram identificadas três classes latentes com diferentes graus de TPA. As participantes com diagnóstico clínico de TPA encaixaram-se em duas classes latentes com níveis significativamente diferentes de psicopatia. Mulheres com escore no PCL-R \geq 30 fixaram-se quase exclusivamente dentro da classe de TPA grave, enquanto TPA moderado quase não conteve participantes com escore no PCL-R \geq 30.

CONCLUSÃO: A presente dissertação corrobora com os dados sobre prejuízos no reconhecimento de expressões faciais de emoções em psicopatas com resultados inéditos na literatura para a população feminina. Os dados confirmam a hipótese de que déficits mais específicos de processamento emocional nessa população são apresentados a um nível reduzido do tempo de exposição em condições experimentais. Além disso, foram verificadas evidências empíricas inéditas de que presidiárias com diagnóstico de TPA compreendem uma população heterogênea, como os níveis mais elevados de psicopatia sendo encontrados apenas em um subconjunto de presidiárias acima do limiar clínico para TPA.

Palavras-Chave: Psicopatia; Transtorno da Personalidade Antissocial; Expressões Faciais; Emoção; Mulheres

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.06.00-0 - Psicologia Cognitiva

ABSTRACT

BACKGROUND: Psychopaths show impairments in emotional processing. Data about their ability to recognize emotional faces are not convergent. Prior studies revealed a lack of methodological convergence, in particular in relation to the exposure time of the stimuli, and on the sex bias of the sample with the majority of the studies focusing on male participants. This thesis aimed to investigate characteristics of psychopathy in female offenders, consisting of two empirical studies. The first study aimed to verify the recognition of facial expressions of emotion in psychopaths, being the first study to test the control of exposure time of 200 ms in the female sample. The second study investigated whether, in the same sample, psychopathy is isomorphic to Antisocial Personality Disorder (APD) or if a discriminative pattern of scores on APD criteria is observed. **METHOD:** 109 female offenders from Porto Alegre city – Brazil were evaluated and, based on the PCL-R and SCID-II scores, three groups were formed: 1) female psychopathic inmates (PCL-R \geq 30; n=33); 2) female antisocial (APD) non-psychopathic inmates (PCL-R $<$ 20, n=43); and 3) female inmates without any personality disorder (control group) (PCL-R $<$ 10, n=33). In the first study, participants completed a facial affect recognition task. In the second study, we used Latent Class Analysis based on the scores of the same measures to check whether psychopathy distinguishes between latent class female offenders with clinical diagnosis of APD. **RESULTS:** The first study revealed significant deficits in negative emotions (fear, sadness and disgust) in the psychopathic group, with the highest effect size being observed in processing of fear precisely when the stimuli were presented in 200 ms. Deficits were also observed in the APD group to the emotion of fear and disgust in shorter exposure times compared to the control group. In the second we identified three latent class with varying degrees of APD. Participants with a clinical diagnosis of APD fell into two latent class with significantly different mean scores on PCL-R psychopathy. Females with PCL-R total scores \geq 30 fell almost exclusively within the Severe APD class; the Moderate APD class had almost no individuals with a PCL-R total score \geq 30. **CONCLUSION:** The present work corroborates the data about the impairments in facial emotion recognition in psychopaths with unprecedented results in the literature for female samples. Data confirm that the more specific deficits shown by psychopaths are only observed in a reduced exposure time experimental stimulus. Moreover, we found novel empirical evidence that female offenders with clinical APD comprise a heterogeneous population, as higher levels of psychopathy only occurred in a subset of women above the clinical threshold for APD.

Key-words: Psychopathy; Antisocial Personality Disorder; Facial Expressions; Emotion; Women

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.06.00-0 - Psicologia Cognitiva

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Sumário.....	7
Relação de Tabelas.....	8
Relação de Figuras.....	9
1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
Referências.....	17
3. ARTIGO 1.....	23
4. ARTIGO 2.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
Referências.....	53
ANEXOS.....	55
ANEXO I.....	55
ANEXO II.....	58
ANEXO III.....	59
ANEXO IV.....	60
ANEXO V.....	61

RELAÇÃO DE TABELAS

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tabela 1. Estudos sobre psicopatia e o reconhecimento de expressões faciais de emoções.....	13
--	-----------

3. ARTIGO 1

Table 1. Demographic and clinical characteristics of the sample.....	27
---	-----------

Table 2. Accuracy for the facial affect recognition task.....	30
--	-----------

Table 3. Intensity level assigned to emotion facial expressions.....	32
---	-----------

4. ARTIGO 2

Table 1. Latent Class Analyses of APD Criteria.....	45
--	-----------

Table 2. Crosstable for PCL-R Total Scores, APD diagnosis and Latent Class.....	47
--	-----------

RELAÇÃO DE FIGURAS

ARTIGO 2

Figure 1. Theoretical Model.....	45
Figure 2. Estimated Conditional Probabilities for Latent Class.....	46

1. APRESENTAÇÃO

A presente dissertação teve como objetivo geral investigar características da psicopatia em mulheres presidiárias. Os estudos aqui descritos integram a linha de pesquisa sobre processamento emocional do Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e contou com a parceria das instituições em que foram realizadas as coletas de dados: Penitenciária Feminina Madre Pelletier e Casa Albergue Feminino (CAF), de Porto Alegre. Todos os cuidados éticos foram tomados e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa consta nos ANEXOS I e II.

A fim de atingir o objetivo proposto, foram realizados dois estudos empíricos. O primeiro teve como objetivo investigar o reconhecimento de expressões faciais de emoções em mulheres psicopatas. E o segundo estudo objetivou verificar se a psicopatia apresentada pela mesma amostra mostra-se isomorfa ao TPA ou se pode ser discriminante para diferentes padrões de pontuação para os critérios de TPA.

Nesta perspectiva, primeiro será apresentada a fundamentação teórica que rege esta dissertação, a partir de uma revisão da literatura sobre o reconhecimento de expressões faciais de emoções em psicopatas. Após, será apresentada a produção empírica do estudo: o primeiro artigo, intitulado *“Recognition of Emotional Faces in Psychopathic Women”*, e o segundo artigo, com o título *“Distinguishing Antisocial Personality Disorder and Psychopathy: A Latent Class Modeling Study with Female Offenders”*.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A psicopatia é um transtorno de personalidade grave em que os indivíduos apresentam uma capacidade alterada de inibir comportamentos socialmente reprováveis, bem como prejuízos referentes à compreensão e experiência de determinadas emoções. Indivíduos acometidos pelo transtorno tendem a mostrar-se menos afetados pelas emoções alheias, sendo, dessa forma, mais propensos a agir contra as pessoas com as quais estabelecem interações sociais (Hare, 2003). Apesar da sobreposição de alguns sintomas, a psicopatia é um transtorno de personalidade distinto do Transtorno da Personalidade Antissocial (TPA), conforme descrito no DSM-5 (American Psychiatric Association [APA], 2013). Os critérios do TPA são destinados apenas a avaliar os aspectos comportamentais antissociais da psicopatia, sem contemplar as características afetivas e interpessoais nucleares do transtorno (e. g. insensibilidade afetiva, ausência de empatia, charme superficial, manipulação) (Arrigo & Shipley, 2001).

O ponto de partida para a moderna concepção da psicopatia está nos trabalhos desenvolvidos por Hervey Cleckley (1941), que deu ênfase aos déficits afetivos como sendo o componente nuclear do transtorno. Nos últimos 50 anos, os estudos da psicopatia têm se pautado na proposta de Cleckley, de que indivíduos com esse transtorno apresentam disfunções no processamento emocional e, a partir do desenvolvimento de recursos de neuroimagem, também em alterações neuroanatômicas. Assim, a visão predominante atual é a de que a psicopatia e os déficits cognitivos e emocionais que caracterizam o transtorno, e o distingue dos demais, refletem uma disfunção da amígdala (Blair, 2010; Freedman & Verdun-Jones, 2010; Kiehl, 2006; van Honk & Schutter, 2006). Alguns estudos têm verificado alterações na amígdala de psicopatas, como menor volume e anormalidades estruturais em comparação aos controles (Weber, Habel, Amunts & Schneider, 2008; Yang, Raine, Narr, Colletti & Toga, 2009). Pesquisas demonstraram baixa ativação amígdalar durante tarefas de reconhecimento de medo em crianças com tendência à psicopatia (Jones, Laurens, Herba, Barker & Viding, 2009; Marsh et al., 2008) e em psicopatas adultos em experimentos de medo condicionado (Birbaumer et al., 2005). Além disso, há indícios de que um alelo longo do gene transportador de serotonina, neurotransmissor chave envolvido no funcionamento da amígdala, é um fator de risco genético para a psicopatia (Glenn, 2011).

Em consonância com essas evidências, o modelo teórico de Blair – Integrated Emotions Systems (IES) (Blair, 2010) – sugere que a amígdala é o lócus primário do processamento emocional deficitário em psicopatas. Essa teoria está baseada no pressuposto de que o IES é ativado por sinais de aflição, como expressões faciais de tristeza e principalmente de medo, e as pessoas, de

modo geral, possuem uma aversão inerente a estas emoções quando a percebem nos outros. Assim, quando uma ação antissocial resulta em uma expressão de medo e/ou tristeza, a ação em si, passa a ser considerada aversiva, por meio de condicionamento clássico e, então, é inibida (Dawel, O’Kearney, McKone & Palermo, 2012). Assim, o IES é crucial para o desenvolvimento da socialização moral e habilidades de empatia e culpa. Se psicopatas possuem déficits em reconhecer emoções, principalmente medo e tristeza, também teriam déficits em reconhecer esses estímulos como sendo suficientemente aversivos. Dessa forma, não vivenciam a consequência negativa de sentir-se mal e, ao invés de inibir ações antissociais que podem gerar medo e tristeza em outras pessoas, psicopatas podem se sentir reforçados por isso (Blair, 2006). Essa hipótese mostra-se muito compatível com os componentes afetivos centrais da psicopatia, de ausência de empatia e de culpa (Dawel et al., 2012).

Desta forma, dentre os déficits de processamento emocional verificados em psicopatas, a capacidade de reconhecimento de emoções expressas pela face impulsiona pesquisas da área devido ao possível potencial de contribuição na etiologia do transtorno, pois podem estar relacionados a um menor nível de responsividade às emoções alheias e, conseqüentemente, ao estilo interpessoal disfuncional e à manutenção do comportamento antissocial (Blair; 2006; 2008; Blair et al., 2004; Kosson, Suchy, Mayer & Libby, 2002; Marsh & Blair, 2008). Levando-se em conta que a face geralmente é a primeira fonte de informação que temos sobre os estados emocionais alheios e nos possibilita interpretá-los com um nível de acurácia superior até mesmo que as expressões verbais (Ekman, 2003), a interpretação precisa de expressões faciais assume um papel fundamental sobre as habilidades de socialização ao longo do desenvolvimento (Liu et al., 2012).

Percebe-se, no entanto, que as pesquisas voltadas para a capacidade de reconhecimento de expressões faciais de emoções em psicopatas são relativamente recentes. Até o ano 2000 é possível encontrar alguns estudos que já investigavam deficiências na identificação de emoções básicas expressas pela face em indivíduos antissociais de forma mais ampla, mas não especificamente em psicopatas (McCown, Johnson & Austin, 1986; Walker & Leister, 1994; Walz & Benson, 1986; Zabel, 1979). Essa lacuna quantos aos estudos de reconhecimento de emoções em psicopatas pode ser explicada pelo advento do *Psychopathy Checklist* (Hare, 1980), que se estabeleceu como a “medida ouro” para o diagnóstico da psicopatia a partir da década de 90, diante de uma revisão realizada pelo autor (Hare, 1991). Essa revisão originou a versão corrente da escala, o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R; Hare, 2003), composta por 20 itens que avaliam características agrupadas em quatro fatores: interpessoal, afetivo, estilo de vida e antissocial (Hare, 2003).

Dessa forma, observa-se que os estudos relacionados ao processamento de faces emocionais em psicopatas só ocorreram em profusão há cerca de treze anos e ainda não apresentam

convergência quanto aos resultados (Dawel et al., 2012; Marsh & Blair, 2008; Wilson et al., 2011). A **Tabela 1** apresenta os estudos encontrados até a presente data que investigaram esse tema.

Tabela 1. Estudos sobre psicopatia e o reconhecimento de expressões faciais de emoções

Autor (ano)	Participantes	Instrumento para avaliação de psicopatia	Tempo de exposição dos estímulos	Resultados
Blair & Coles (2000)	n = 55 estudantes (11-14 anos; 31 meninos e 24 meninas)	PSD	3s	Déficits no reconhecimento de medo e tristeza em crianças com tendência à psicopatia quando comparadas ao grupo-controle
Blair et al. (2001)	n = 51 estudantes (20 meninos com tendência à psicopatia, 9-17 anos; e 31 meninos no grupo-controle, 10-16 anos)	PSD	3s	Déficits no reconhecimento de medo e tristeza em crianças com tendência à psicopatia quando comparadas ao grupo-controle
Stevens et al. (2001)	n = 18 estudantes (9-15 anos; 9 meninos com tendência à psicopatia e 9 meninos no grupo-controle)	PSD	2s	Déficits no reconhecimento de medo e tristeza em crianças com tendência à psicopatia quando comparadas ao grupo-controle
Habel et al. (2002)	n = 34 homens (17 presidiários psicopatas, 22-43 anos; e 17 homens no grupo-controle de amostra comunitária, 21-45 anos)	PCL-R	Ilimitado	Apenas as emoções de alegria e tristeza foram avaliadas. Psicopatas tiveram desempenho inferior quando comparados ao grupo-controle
Kosson et al. (2002)	n = 67 presidiários (33 psicopatas, M = 27 anos, DP = 6,57; e 34 não-psicopatas, M = 27 anos, DP = 6,46 anos)	PCL-R	1s	Déficits no reconhecimento de nojo em psicopatas quando comparados aos não-psicopatas
Blair et al. (2004)	n = 38 presidiários (19 psicopatas, 22-50 anos; e 19 não-psicopatas, 22-44 anos)	PCL-R	3s	Déficits no reconhecimento de medo em psicopatas quando comparados aos não-psicopatas
Montagne et al. (2005)	n = 32 estudantes (19-25 anos; 16 com características psicopáticas e 16 sem características psicopáticas)	BIS/BAS	Ilimitado	Déficits no reconhecimento de medo em estudantes com características psicopáticas quando comparados aos estudantes sem características psicopáticas
Dadds et al. (2006)	33 estudantes (8-15 anos)	PSD	2s	Altos escores em comportamento antissocial associados com atribuição de raiva para faces neutras e altos escores em insensibilidade emocional associados com déficits no reconhecimento de medo
Dolan & Fullam (2006)	n = 49 homens (22 presidiários psicopatas, M = 35,18 anos, DP = 10,91 anos; e 49 homens no grupo controle de amostra comunitária, M = 32,59 anos, DP	PCL-SV	Ilimitado	Déficits no reconhecimento de tristeza em psicopatas quando comparados ao grupo-controle

	= 9,05 anos)				
Glass & Newman (2006)	n = 111 presidiários (50 psicopatas, M = 32,58 anos; DP = 7,08 anos; e 61 não-psicopatas, M = 32,02 anos, DP = 7,09 anos)	PCL-R	1s		Não houve diferença significativa entre o desempenho de psicopatas e não psicopatas
Book et al. (2007)	n = 119 homens (19-63 anos; 59 presidiários e 60 homens no grupo controle de amostra comunitária)	PCL-R	100ms		Déficits no reconhecimento de medo em psicopatas quando comparados ao grupo-controle, mas apenas em um nível de significância marginal (p = 0,06)
Hansen et al. (2008)	n = 43 presidiários (18-53 anos)	PCL-R	Ilimitado		Associação entre a faceta interpessoal da psicopatia com déficits na identificação de repugnância
Del Gaizo & Falkenback (2007)	n = 173 estudantes (17-45 anos, M = 19,74 anos, DP = 3,30 anos; 119 mulheres e 54 homens)	PPI	Ilimitado		Correlação positiva entre psicopatia primária e déficits no reconhecimento de medo
Hastingset al. (2008)	n = 145 presidiários (18-60 anos, M = 30,94 anos, DP = 9,53 anos)	PCL-SV	Ilimitado		Correlação negativa e significativa entre a precisão geral na identificação das emoções e os escores de psicopatia. Quanto maior o nível de psicopatia, pior o desempenho na identificação.
Eisenbarth et al. (2008)	n = 34 mulheres (13 presidiárias psicopatas, M = 33 anos, DP = 7,66 anos; 15 presidiárias não-psicopatas, M = 46,67 anos; DP = 14,88 anos; e 16 mulheres no grupo-controle de amostra comunitária, M = 44,19 anos, DP = 5,19 anos)	PCL-R	33ms e ilimitado		Déficits no reconhecimento de tristeza em psicopatas quando comparadas às não-psicopatas, apenas para o tempo de apresentação do estímulo em 33 ms
Iria & Barbosa (2009)	n = 62 homens (22 presidiários psicopatas com histórico criminal, 16 psicopatas sem histórico criminal, 11 criminosos não-psicopatas e 13 homens no grupo-controle de amostra comunitária)	PCL-SV	500ms		Déficits no reconhecimento de medo em comparação com emoções neutras e alegres em psicopatas, com e sem histórico criminal, comparados aos indivíduos não-psicopatas
Pham & Philippot (2010)	n = 68 homens (20 presidiários psicopatas, M = 34 anos, DP = 10,11 anos; 23 presidiários não-psicopatas, M = 34,61 anos, DP = 8,81 anos; e 25 homens no grupo-controle de amostra comunitária, M = 35,48 anos, DP = 7,88 anos)	PCL-R	Ilimitado		Grupo-controle teve melhor desempenho do que os dois grupos de presidiários (psicopatas e não-psicopatas) no reconhecimento das emoções de modo geral. Não foram identificadas diferenças entre presidiários psicopatas e não-psicopatas

Vasconcellos et al. (no prelo)	n = 41 adolescentes do sexo masculino em cumprimento de medida socioeducativa fechada (20 com traços psicopáticos, M=16,3 anos, DP=1,6; e 21 sem traços psicopáticos, M=16,7 anos, DP=1,3)	PCL:YV	200ms, 500ms e 1s	Déficits no reconhecimento de medo em adolescentes com traços psicopáticos em comparação ao grupo controle apenas quando os estímulos foram apresentados no tempo de exposição de 200 ms
--------------------------------	--	--------	-------------------	--

Ao serem analisados os aspectos metodológicos desses estudos, observa-se que a quase totalidade dos trabalhos (quinze, dentre os dezoito) usou versões das escalas Hare, de acordo com a faixa etária da amostra, para separar indivíduos psicopatas de indivíduos sem o transtorno e, dessa forma, viabilizar a comparação dos desempenhos relacionados à identificação das emoções.

Com relação ao tempo de exposição dos estímulos, ou seja, o tempo em que a foto da expressão facial fica disponível para a visualização do participante, é identificada uma diversidade metodológica, não havendo convergência entre os estudos. Foram utilizados tempos variando de 33 milissegundos (ms) a 3 segundos e, em alguns estudos, a variável tempo de exposição não foi controlada, ou seja, a foto da expressão facial era visualizada por tempo ilimitado, até que o participante emitisse uma resposta. Este componente, tempo de exposição do estímulo, parece ser um fator crucial nas pesquisas de reconhecimento de expressões faciais de emoções. Achados atuais indicam que um tempo de 200 ms revela-se necessário e suficiente para a identificação do estímulo envolvendo uma expressão facial (Schyns, Petro & Smith, 2009). Diante disso, Vasconcellos, Salvador-Silva, Gauer e Gauer (no prelo) propuseram um refinamento metodológico em seu estudo com adolescentes com traços psicopáticos incluindo o tempo de exposição de 200 ms, em comparação a tempos superiores, para testar a hipótese de que o tempo de exposição poderia ser determinante na identificação de déficits mais sutis no processamento emocional de psicopatas, por permitir simular uma situação real de identificação de expressões faciais em humanos em contextos não experimentais. Os resultados do estudo confirmaram essa hipótese, sendo constatados prejuízos nos adolescentes com traços psicopáticos apenas no processamento de medo quando os estímulos foram apresentados no tempo de 200 ms.

Também se percebe que os estudos com amostras compostas por adultos apresentam métodos e resultados mais diversificados do que os estudos realizados com amostras infantis, os quais apresentaram resultados convergentes quanto aos déficits no processamento de medo e tristeza. A maioria dos estudos com adultos utilizou tempo ilimitado de exposição dos estímulos. Os únicos que utilizaram tempos breves de exposição (100 ms - Book et al., 2007; e 33 ms - Eisenbarth et al., 2008) o fizeram abaixo dos 200 ms necessários para o processamento de expressões faciais (Schyns

et al., 2009). Quanto aos resultados, cinco identificaram déficits no reconhecimento da emoção de medo em psicopatas quando comparados a grupo-controle (Blair et al., 2004; Book et al., 2007; Del Gaizo & Falkenback, 2007; Iria & Barbosa, 2009; Montagne et al., 2005); três não encontraram déficits em psicopatas (Glass & Newman; 2006; Hastings et al., 2008; Phan & Philippot, 2010); e os demais estudos não encontraram prejuízos na identificação da emoção de medo, e sim, em tristeza e nojo (Dolan & Fullam, 2006; Eisenbarth et al., 2008; Hansen et al., 2008; Kosson et al., 2002). Desta forma, infere-se que a ausência de convergência dos resultados dos estudos pode estar relacionada à própria ausência de convergência metodológica empregada nessas pesquisas.

Também se salienta que as amostras desses estudos foram compostas, em sua maioria, de adultos do sexo masculino. Cinco estudos foram realizados com amostras de crianças e adolescentes (Blair & Coles, 2000; Blair et al., 2001; Dadds et al., 2006; Stevens et al., 2001; Vasconcellos et al., no prelo), porém, com apenas um estudo com amostra mista (Blair & Coles, 2000). Os demais estudos utilizaram amostras compostas apenas por adultos, com apenas dois estudos contendo amostras femininas: Del Gaizo e Falkenback (2007), que utilizaram amostra mista de estudantes adultos, porém, sem amostra específica de psicopatas; e Eisenbarth et al. (2008), que utilizaram amostra composta totalmente por mulheres: presidiárias e grupo-controle.

De modo geral, os estudos realizados tanto com população antissocial, quanto com amostra de psicopatas, especificamente, costumam utilizar participantes do sexo masculino, por haver uma prevalência maior de homens com o transtorno, o que facilita o acesso para pesquisas. Fatores como diferenças biológicas básicas entre os sexos e estereótipos de papéis de gênero podem contribuir para uma frequência mais elevada de psicopatia em homens. De acordo com a perspectiva de estereótipos, entende-se que a sociedade, de modo geral, encoraja os homens, desde pequenos, a serem mais agressivos e audaciosos do que as mulheres; de uma perspectiva evolutiva da espécie, essas características, historicamente, foram mais exigidas dos homens para fins de preservação (Patrick, 2010; Verona & Vitale, 2006). No entanto, outros fatores também são mencionados na literatura, como a possibilidade de as taxas de prevalência de psicopatia em mulheres ser subestimadas e não refletirem os índices reais, devido a um preconceito de gênero e viés amostral nas pesquisas da área, ocasionando um subdiagnóstico. Nesse sentido, a atribuição do diagnóstico pode ser influenciada pelo viés do avaliador ao inferir que características psicopáticas, e antissociais de modo geral, são menos frequentes em mulheres (Dolan & Völlm, 2009; Lehmann & Ittel, 2012).

Recentemente, as pesquisas com mulheres psicopatas têm aumentado (e. g., Anton, Baskin-Sommers, Vitale, Curtin, & Newman, 2012; Dolan & Völlm, 2009; Sprague, Javdani, Sadeh, Newman, & Verona, 2012; Verona, Bresin, & Patrick, 2013), contudo, enquanto que as pesquisas sobre déficits afetivos em homens psicopatas já apresentem resultados substanciais, este tópico em

mulheres ainda representa uma lacuna na área (Anton et al., 2012; Verona et al., 2013). Isso fica ainda mais evidente quando são analisados os estudos sobre reconhecimento de expressões faciais em psicopatas, nos quais o único que utilizou amostra feminina de psicopatas (Eisenbarth et al., 2008) fez uso do tempo de exposição dos estímulos abaixo do necessário para o reconhecimento de expressões faciais.

Diante disso, a presente pesquisa é composta por dois estudos. O primeiro teve como objetivo investigar o reconhecimento de expressões faciais de emoções em mulheres psicopatas, sendo o primeiro a testar o controle do tempo de exposição de 200 ms e tendo como hipótese a apresentação de déficits no reconhecimento das emoções de medo e tristeza. Para isso, 109 presidiárias da cidade de Porto Alegre responderam à tarefa de reconhecimento de faces emocionais e responderam aos demais instrumentos. Assim, três grupos foram formados de acordo com os escores no PCL-R (Hare, 2003) e na SCID-II (First, Spitzer, Gibbon, & Williams, 1996): 1) 33 psicopatas; 2) 43 antissociais (TPA) não-psicopatas; e 3) 33 presidiárias sem transtorno da personalidade (grupo-controle).

O segundo estudo teve como objetivo verificar se a psicopatia apresentada pela mesma amostra mostra-se isomorfa ao TPA ou se pode ser discriminante para diferentes padrões de pontuação para os critérios de TPA. Para isso, foi aplicada a Análise de Classes Latentes nos resultados das medidas utilizadas no primeiro estudo para testar a hipótese de se os escores no PCL-R (Hare, 2003) podem auxiliar a distinguir entre duas ou mais classes latentes as presidiárias que apresentaram nível clínico de TPA. Os dois estudos serão apresentados na íntegra nas seções três e quatro desta dissertação.

Referências

- American Psychiatric Association – APA. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5^a ed.). Washington, DC: APA.
- Anton, M. E., Baskin-Sommers, A. R., Vitale, J. E., Curtin, J. J., & Newman, J. P. (2012). Differential effects of psychopathy and antisocial personality disorder symptoms on cognitive and fear processing in female offenders. *Cognitive Affect Behavior Neuroscience*, 12(4), 761–776.

- Arrigo, B., & Shipley, S. (2001). The confusion over psychopathy (I): Historical considerations. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *45*(3), 325-344.
- Birbaumer, N., Veit, R., Lotze, M., Erb, M., Hermann, C., Grodd, W., & Flor, H. (2005). Deficient fear conditioning in psychopathy: A functional magnetic resonance imaging study. *Archives of General Psychiatry*, *62*, 799–805.
- Blair, R. J. R. (2006). The emergence of psychopathy: Implications for the neuropsychological approach to developmental disorders. *Cognition*, *101*, 414–442.
- Blair, R. J. R. (2008). The cognitive neuroscience of psychopathy and implications for judgments of responsibility. *Neuroethics*, *1*, 149-157.
- Blair, R. J. R. (2010). Neuroimaging of psychopathy and antisocial behavior: A targeted review. *Current Psychiatry Reports*, *12*, 76–82.
- Blair, R. J. R., & Coles, M. (2000). Expression recognition and behavioral problems in early adolescence. *Cognitive Development*, *15*, 421-434.
- Blair, R. J. R., Colledge, E., Murray, L., & Mitchell, D. G. (2001). A selective impairment in the processing of sad and fearful expressions in children with psychopathic tendencies. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *29*, 491-498.
- Blair, R. J. R., Mitchell, D. G. V., Peschardt, K. S., Colledge, E., Leonard, R. A., Shine, J. H., Murray, J. H., & Perrett, L. K. (2004). Reduced sensitivity to others' fearful expressions in psychopathic individuals. *Personality and Individual Differences*, *37*, 1111-1122.
- Book, A. S., Quinsey, V. L., & Langford, D. (2007). Psychopathy and the perception of affect and vulnerability. *Criminal Justice and Behavior*, *34*, 531-544.
- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity* (5th ed.). St Louis, MO: Mosby.
- Dadds, M. R., Perry, Y., Hawes, D. J., Merz, S., Riddell, A. C., Haines, D. J. ...Abeygunawardane, A. I. (2006). Attention to the eyes and fear-recognition deficits in child psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, *189*, 180-181.
- Dawel, A., O'Kearney, R., McKone, E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: Meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *36*, 2288-2304.
- Del Gaizo, A. L., & Falkenbach, D. M. (2007). Primary and secondary psychopathic-traits and their relationship to perception and experience of emotion. *Personality and Individual Differences*, *45*, 206-212.
- Dolan, M., & Fullam, R. (2006). Face affect recognition deficits in personality-disordered offenders: Association with psychopathy. *Psychological Medicine*, *36*, 1563-1569.

- Dolan, M., & Völlm, B. (2009). Antisocial personality disorder and psychopathy in women: A literature review on the reliability and validity of assessment instruments. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(1), 2-9.
- Eisenbarth, H., Alpers, G. W., Segrè, D., Calogero, A., & Angrilli, A. (2008). Categorization and evaluation of emotional faces in psychopathic women. *Psychiatry Research*, 159, 189-195.
- Ekman, P. (2003). *Emotions revealed: Recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. New York: Times Book.
- Freedman, L. F., & Verdun-Jones, S. N. (2010). Blaming the parts instead of the person: Understanding and applying neurobiological factors associated with psychopathy. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 52, 29–53.
- Glass, S. J., & Newman, J. P. (2006). Recognition of facial affect in psychopathic offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, 115, 815-820.
- Glenn, A.L., 2011. The other allele: exploring the long allele of the serotonin transporter gene as a potential risk factor for psychopathy: a review of the parallels in findings. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 35, 612–620.
- Habel, U., Kuhn, E., Salloum, J. B., Devos, H., & Schneider, F. (2002). Emotional processing in psychopathic personality. *Aggressive Behavior*, 28, 394–400.
- Hansen, A. L., Johnsen, B. H., Waage, L., & Thayer, J. F. (2008). Brief communication: Psychopathy and recognition of facial expression of emotion. *Journal of Personality Disorders*, 22, 639-645.
- Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1(2), 111-119.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised* (2^a ed.). Toronto: Multi Health Systems.
- Hastings, M. E., Tangney, J. P., & Stuewig, J. (2008). Psychopathy and identification of facial expressions of emotion. *Personality and Individual Differences*, 44, 1474-1483.
- Iria, C., & Barbosa, F. (2009). Perception of facial expressions of fear: Comparative research with criminal and non-criminal psychopaths. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 20, 66-73.
- Jones, A. P., Laurens, K. R., Herba, C. M., Barker, G. J., & Viding, E. (2009). Amygdala hypoactivity to fearful faces in boys with conduct problems and callous-unemotional traits. *American Journal of Psychiatry*, 166, 95–102.

- Kiehl, K. A. (2006). A cognitive neuroscience perspective on psychopathy: Evidence for paralimbic system dysfunction. *Psychiatry Research, 142*, 107–128.
- Kosson, D. S., Suchy, Y., Mayer, A. R., & Libby, J. (2002). Facial affect recognition in criminal psychopaths. *Emotion, 2*, 398-411.
- Lehmann, A., & Ittel, A. (2012). Aggressive behavior and measurement of psychopathy in female inmates of German prisons: A preliminary study. *International Journal of Law and Psychiatry, 35*(3), 190-197.
- Liu, S., Anzures, G., Ge, L., Quinn, P.C., Pascalis, O., Slater, A., Tanaka, J., & Lee, K. (2012). Development of recognition of face parts from unfamiliar faces. *Infant and Child Development, 22*, 165-179.
- Marsh, A. A., & Blair, R. J. R. (2008). Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews, 32*, 454-465.
- Marsh, A. A., Finger, E. C., Mitchell, D. G. V., Reid, M. E., Sims, C., Kosson, D. S., . . . Blair, R. J. R. (2008). Reduced amygdala response to fearful expressions in children and adolescents with callous-unemotional traits and disruptive behavior disorders. *American Journal of Psychiatry, 165*, 712–720.
- McCown, W., Johnson, J., & Austin, S. (1986). Inability of delinquents to recognize facial affects. *Journal of Social Behavior and Personality, 1*, 489-496.
- Montagne, B., van Honk, J., Kessels, R. P. C., Frigerio, E., Burt, M., van Zandvoort, M. J. E., . . . deHaan, E. (2005). Reduced efficiency in recognising fear in subjects scoring high on psychopathic personality characteristics. *Personality and Individual Differences, 38*, 5–11.
- Pham, T. H., & Philippot, P. (2010). Decoding of facial expression of emotion in criminal psychopaths. *Journal of Personality Disorders, 24*, 445-459.
- Patrick, C. J (2010). Transtorno de personalidade antissocial e psicopatia. In W. O'Donohue, K. A. Fowler, & S. O. Lilienfeld (Orgs.). *Transtornos de personalidade: Em direção ao DSM-V* (pp. 415-436). São Paulo: Roca.
- Schyns, P. G., Petro, L. S., & Smith, M. L. (2009). Transmission of facial expressions of emotion co-evolved with their efficient decoding in the brain: Behavioral and brain evidence. *PLoS ONE, 4*, e5625.
- Sprague, J., Javdani, S., Sadeh, N., Newman, J. P., & Verona, E. (2012). Borderline personality disorder as a female phenotypic expression of psychopathy? *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 3*, 127–139.

- Stevens, D., Charman, T., & Blair, R. J. (2001). Recognition of emotion in facial expressions and vocal tones in children with psychopathic tendencies. *Journal of Genetic Psychology, 162*, 201-211.
- van Honk, J., & Schutter, D. J. L. G. (2006). Unmasking feigned sanity: A neurobiological model of emotion processing in primary psychopathy. *Cognitive Neuropsychiatry, 11*, 285–306.
- Vasconcellos, S. J., Salvador-Silva, R., Gauer, V., & Gauer, G. (no prelo). Psychopathic Traits in Adolescents and Recognition of Emotion in Facial Expressions. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(4).
- Verona, E., Bresin, K., & Patrick, C. J. (2013). Revisiting Psychopathy in Women: Cleckley/Hare Conceptions and Affective Response. *Journal of Abnormal Psychology, 122*(4), 1088–1093.
- Verona, E., & Vitale, J. E. (2006). Psychopathy in women: Assessment, manifestations, and etiology. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 415-436). New York: The Guilford Press.
- Walker, D. W., & Leister, C. (1994). Recognition of facial affect cues by adolescent with emotional and behavioral disorders. *Behavioral Disorders, 19*, 269-276.
- Walz, N. C., & Benson, B. A. (1986). Labeling and discrimination of facial expressions by aggressive and nonaggressive men with mental retardation. *American Journal of Mental Retardation, 101*, 282-29.
- Weber, S., Habel, U., Amunts, K., & Schneider, F. (2008). Structural brain abnormalities in psychopaths: A review. *Behavioral Sciences & the Law, 26*, 7–28.
- Wilson, K., Juodis, M., & Porter, S. (2011). Fear and loathing in psychopaths: a Meta-analytic investigation of the facial affect recognition deficit. *Criminal Justice and Behavior, 38*, 659-668.
- Yang, Y., Raine, A., Narr, K. L., Colletti, P., & Toga, A. W. (2009). Localization of deformations within the amygdala in individuals with psychopathy. *Archives of General Psychiatry, 66*, 986-994.
- Zabel, R. H. (1979). Recognition of emotions in facial expressions by emotionally disturbed and nondisturbed children. *Psychology in the Schools, 16*, 119-126.

3. ARTIGO 1

Recognition of Emotional Faces in Psychopathic Women

ABSTRACT

Psychopaths show impairments in emotional processing. Data about their ability to recognize emotional faces are not convergent. Prior studies revealed a lack of methodological convergence, in particular in relation to the exposure time of the stimuli, and on the sex bias of the sample as the majority of the studies focusing on male participants. This is the first study to investigate the recognition of emotional faces in female offenders to test the paradigm of time of exposure of the stimulus of 200 ms in a facial affect recognition task. Based on the PCL-R scores and on the SCID-II three groups were composed: 33 female psychopathic inmates; 43 female antisocial (APD) non-

psychopathic inmates; and 33 female inmates without any personality disorder. Results revealed significant deficits in negative emotions (fear, sadness and disgust) in the psychopathic group, with the highest effect size being observed in processing of fear precisely when the stimuli were presented in 200 ms. We conclude that the more specific deficits shown by psychopaths are only manifest from a reduced exposure time experimental stimulus.

Keywords: Psychopathy; Women; Emotion; Affect; Facial expression recognition

4. ARTIGO 2

Distinguishing Antisocial Personality Disorder and Psychopathy: A Latent Class Modeling Study with Female Offenders

ABSTRACT

Psychopathy and Antisocial Personality Disorder (APD) describe different, although overlapping, psychological conditions. Currently available latent variable modeling techniques offer the possibility of directly addressing the issue of whether psychopathy distinguishes between theoretically meaningful latent class of individuals who meet criteria for APD. In the present study, we investigated whether psychopathy discriminates latent class of female offenders with different score patterns on APD criteria. Results yielded three latent class with varying degrees of APD; women with a clinical diagnosis of APD fell into two latent class with significantly different mean scores on PCL-R psychopathy. We conclude that APD is not isomorphic to psychopathy, as higher levels of psychopathy only occurred in a subset of women above the clinical threshold for APD.

Keywords: Psychopathy; Women; Offenders; Antisocial Personality Disorder; Latent Class

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopatia e o TPA são considerados uns dos transtornos mais onerosos para a sociedade (Verona, Bresin, & Patrick, 2013). Este alto impacto social está relacionado, principalmente, às consequências dos comportamentos antissociais característicos, muito comumente com um caráter criminal e elevadas taxas de reincidência, às altas taxas de comorbidade com dependência química (APA, 2013), e aos baixos índices de respostas a tratamentos (Moul, Killcross, & Dadds, 2012). Considerando as taxas de prevalência desses transtornos, ambas são consideradas altas se comparadas a outros transtornos da personalidade (APA, 2013). A prevalência de TPA é estimada em 2% na população geral (APA, 2013), mas com índices variando de 50 a 80% em contexto prisional (Hare, 2003; 2006; Patrick, 2010). Já o índice estimado de psicopatia criminal na população geral é de 1% (Patrick, 2010) e em amostras forenses chega a 25% (Hare, 2003). Tais taxas de manifestação, somadas às características desses transtornos, tem impulsionado pesquisas com essa população a fim de entender os mecanismos subjacentes à manifestação dos padrões de comportamentos antissociais. Uma das hipóteses mais investigadas diz respeito às falhas de processamento emocional como sendo nucleares ao padrão antissocial (Blair et al., 2010; Newman, Curtin, Bertsch & Baskin-Sommers, 2010).

Dentre o corpo de pesquisas voltadas para as falhas de processamento emocional, estudos sobre o reconhecimento de expressões faciais tem ganhado destaque na última década devido ao alto poder de contribuição que podem apresentar na etiologia desses transtornos, contudo, os resultados ainda não são consistentes (Marsh & Blair, 2008; Dawel et al., 2012), principalmente no que diz respeito a populações femininas (Anton et al., 2012; Verona et al., 2013). Entende-se que estudos que visem a identificar os mecanismos envolvidos no processamento emocional deficitário em psicopatas e antissociais podem auxiliar a elucidar novos mecanismos e fornecer alvos para futuras terapêuticas (Moul et al., 2012).

Assim, o primeiro artigo dessa dissertação, intitulado *“Recognition of Emotional Faces in Psychopathic Women”*, foi proposto com o intuito de investigar o reconhecimento de expressões faciais de emoções em mulheres psicopatas, com TPA e grupo controle, testando componentes metodológicos inéditos para a área, com o incremento do controle do tempo de exposição dos estímulos utilizado pela primeira vez com amostra feminina. Os resultados confirmaram a hipótese formulada, evidenciando prejuízos no grupo de psicopatas para emoções negativas, com déficits mais severos sendo constatados no tempo mais breve de apresentação dos estímulos. Também foram verificados déficits no grupo de antissociais para a emoção de medo e de nojo nos tempos mais breves, em comparação ao grupo controle. Esses dados confirmam a hipótese de que déficits

mais específicos de processamento emocional nessas populações são apresentados a um nível reduzido do tempo de exposição em condições experimentais.

O segundo estudo, intitulado *“Distinguishing Antisocial Personality Disorder and Psychopathy: A Latent Class Modeling Study with Female Offenders”*, foi desenvolvido com o intuito de verificar se os índices de psicopatia apresentada pela amostra mostrava-se isomorfa ao TPA ou se poderia ser discriminante para diferentes padrões de pontuação para os critérios de TPA. Este estudo também apresenta um caráter inédito ao investigar se e em que medida a psicopatia explica diretamente a heterogeneidade de manifestação do TPA. Os resultados apresentaram uma evidência empírica de que mulheres presidiárias com TPA compreendem uma população heterogênea quanto aos próprios níveis de manifestação do transtorno. Também foram identificados maiores níveis de psicopatia apenas em um subconjunto de participantes que preenchiam os critérios para TPA, assim, participantes com pontuação acima de 30 no PCL-R ficaram quase exclusivamente dentro da classe de TPA grave, enquanto que TPA moderado quase não conteve participantes com pontuação no PCL-R acima de 30. Tais achados possibilitam afirmar que os níveis de psicopatia discriminam níveis de TPA. Tais resultados mostram-se um avanço na área justamente por corroborar a concepção atual de tendência a classificações dimensionais dos transtornos, ao invés de classificações categóricas (Coid & Ullrich, 2010; Strickland, Drislane, Lucy, Krueger, & Patrick, 2013). Neste caso, os resultados do estudo fornecem dados substanciais que apoiam a concepção de que a psicopatia representa o extremo do que seria considerado um contínuo antissocial subjacente (Coid & Ullrich, 2010).

Contudo, pelo caráter exploratório e inédito de alguns métodos utilizados, a presente dissertação deve ser entendida com base nas limitações descritas em cada estudo, principalmente no que diz respeito à necessidade de replicação do método para generalização dos resultados. Além disso, os avanços apresentados nesses estudos dão suporte para que métodos mais refinados sejam testados com essas populações, tendo em vista que algumas falhas de processamento emocional só são acessadas a partir de ajustes criteriosos na metodologia. Nesse sentido, poder testar a hipótese de disfunção da amígdala, utilizando o paradigma do tempo de exposição de estímulos emocionais em 200 ms, a partir de técnicas de neuroimagem, poderia trazer dados substanciais e inéditos sobre esse aspecto. Por fim, também se ressalta que, tendo em vista a percebida intensidade aumentada dos déficits apresentados pela população adulta investigada, em comparação com o estudo realizado com adolescentes que utilizou método semelhante (Vasconcellos, Salvador-Silva, Gauer, & Gauer (in press), torna-se ainda mais relevante o investimento em pesquisas sobre preditores da psicopatia em crianças e adolescentes (Fontaine, McCrory, Boivin, Moffitt, & Viding, 2011; Masi et al., 2011), visando o desenvolvimento de intervenções em níveis mais precoces (e. g., Dadds, Masry,

Wimalaweera, & Guastella,; 2008; Dadds, Frost, Fraser, & Hawes, 2005; Dadds et al., 2006; McDonald, Dodson, Rosenfield, Jouriles, 2011).

Referências

- American Psychiatric Association - APA (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5^aed.). Washington, DC: APA.
- Anton, M. E., Baskin-Sommers, A. R., Vitale, J. E., Curtin, J. J., & Newman, J. P. (2012). Differential effects of psychopathy and antisocial personality disorder symptoms on cognitive and fear processing in female offenders. *Cognitive Affect Behavior and Neuroscience*, *12*(4), 761–776.
- Blair, R. J. R. (2010). Neuroimaging of psychopathy and antisocial behavior: A targeted review. *Current Psychiatry Reports*, *12*, 76–82.
- Coid, J., & Ullrich, S. (2010). Antisocial personality disorder is on a continuum with psychopathy. *Comprehensive Psychiatry*, *51*(4), 426–433.
- Dadds, M. R., El Masry, Y., Wimalaweera, S., & Guastella, A. J. (2008). Reduced eye gaze explains “fear blindness” in childhood psychopathic traits. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *47*, 455–463.
- Dadds, M. R., Frost, A., Fraser, J., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *73*, 400–410.
- Dadds, M. R., Perry, Y., Hawes, D. J., Merz, S., Riddell, A. C., Haines, D. J., . . . Abeygunawardane, A. I. (2006). Attention to the eyes and fear-recognition deficits in child psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, *189*, 280–281.
- Dawel, A., O’Kearney, R., McKone, E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: Meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *36*, 2288-2304.
- Fontaine, N. M., McCrory, E., Boivin, M., Moffitt, T., & Viding, E. (2011). Predictors and outcomes of joint trajectories of callous–unemotional traits and conduct problems in childhood. *Journal of Abnormal Psychology*, *120*(3), 730-742.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised* (2^a ed.). Toronto: Multi Health Systems.
- Verona, E., Bresin, K., & Patrick, C. J. (2013). Revisiting Psychopathy in Women: Cleckley/Hare Conceptions and Affective Response. *Journal of Abnormal Psychology*, *122*(4), 1088–1093.

- Marsh, A. A., & Blair, R. J. R. (2008). Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 32, 454-465.
- Masi, G., Manfredi, A., Milone, A., Muratori, P., Polidori, L., Ruglioni, L., & Muratori, F. (2011). Predictors of Nonresponse to Psychosocial Treatment in Children and Adolescents with Disruptive Behavior Disorders. *Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology*, 21(1), 51-55.
- McDonald, R., Dodson, M. C., Rosenfield, D., & Jouriles, E. (2011). Effects of a Parenting Intervention on Features of Psychopathy in Children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(7), 1013-1023.
- Moul, C., Killcross, S., & Dadds, M. R. (2012). A Model of Differential Amygdala Activation in Psychopathy. *Psychological Review*, 119(4), 789-806.
- Newman, J. P., Curtin, J. J., Bertsch, J. D., & Baskin-Sommers, A. R. (2010). Attention moderates the fearlessness of psychopathic offenders. *Biological Psychiatry*, 67, 66-70.
- Patrick, C. J. (2010). Transtorno de personalidade antissocial e psicopatia. In W. O'Donohue, K. A. Fowler, & S. O. Lilienfeld (Orgs.). *Transtornos de personalidade: Em direção ao DSM-V* (pp. 415-436). São Paulo: Roca.
- Strickland, C. S., Drislane, L. E., Lucy, M., Krueger, R. F., & Patrick, C. J. (2013). Characterizing Psychopathy Using *DSM-5* Personality Traits. *Assessment*, 20(3), 327-338.
- Vasconcellos, S. J., Salvador-Silva, R., Gauer, V., & Gauer, G. (in press). Psychopathic Traits in Adolescents and Recognition of Emotion in Facial Expressions. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4).

ANEXO I

Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PSICOPATIA vs TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTISSOCIAL: CORRELATOS COGNITIVOS E INTERPESSOAIS EM MULHERES PRIVADAS DE

Pesquisador: Adriane Arteche

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 11043512.7.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 224.379

Data da Relatoria: 15/03/2013

Apresentação do Projeto:

O estudo objetiva investigar se há diferenças comportamentais e de processamento cognitivo entre presidiárias com diferentes diagnósticos:

psicopatia (G1); transtorno da personalidade antissocial sem psicopatia (G2); e presidiárias com ausência diagnóstica desses transtornos (G3). Os

objetivos específicos são: 1.Avaliar as propriedades psicométricas (estrutura fatorial e consistência interna) dos instrumentos PCL-R e IM-P em

amostra representativa da população carcerária feminina do Rio Grande do Sul; 2.Verificar se há diferença de escores na IM-P entre G1, G2 e G3;

3.Verificar se há diferença na capacidade de identificação de emoções expressas pela face entre G1, G2 e G3; 4.Verificar a relação entre os escores

na IM-P e reincidência criminal; 5.Verificar se há diferença na ocorrência de experiências traumáticas na infância entre G1, G2 e G3; e 6.Verificar as

taxas de comorbidade de TPA com psicopatia. A amostra será composta por 150 mulheres em

Endereço: Av.Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)320-3345

Fax: (51)320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



cumprimento

de pena no regime fechado do Presídio

Feminino Madre Pelletier.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar se há diferenças comportamentais e de processamento cognitivo entre presidiárias com diferentes diagnósticos: psicopatia e afetivos da psicopatia na predição de risco em mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresenta riscos mínimos, pois serão assegurados os mecanismos de proteção aos pesquisadores que seguirão os procedimentos de segurança da SUSEPE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora pretende realizar um estudo quantitativo, transversal, de grupos contrastantes. A amostra será composta por 150 mulheres em cumprimento de pena no regime fechado do Presídio Feminino Madre Pelletier, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Todas as presidiárias serão convidadas por funcionários a participar do estudo e aquelas que aceitarem receberão, individualmente, informações sobre os objetivos e procedimentos do estudo. As presidiárias que aceitarem participar do estudo, após receberem as informações, serão avaliadas por meio de instrumentos específicos. A partir dos resultados, serão formados três grupos, com o número mínimo de 30 participantes em cada um deles. O grupo 1 (G1) será composto por participantes com diagnóstico de psicopatia (realizado por meio do instrumento PCL-R); o grupo 2 (G2) será composto por mulheres com o diagnóstico de transtorno da personalidade antissocial (TPA; realizado por meio do instrumento SCID-II) sem psicopatia; e o grupo 3 (G3) será composto por participantes com ausência diagnóstica de psicopatia e TPA.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos de apresentação obrigatórios.

Recomendações:

O estudo está adequado eticamente e metodologicamente.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)320-3345

Fax: (51)320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pesquisadoras esclareceram as pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 20 de Março de 2013

Assinador por:
Rodolfo Herberto Schneider
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681

Bairro: CEP: 90.619-900

UF: RS Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)320-3345 Fax: (51)320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

ANEXO II

Parecer de Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 013/2012 – FCC

Porto Alegre, 31 de Outubro de 2012.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou o projeto intitulado **"Psicopatia VS Transtorno da personalidade antissocial: Correlatos cognitivos e interpessoais em mulheres privadas de liberdade"**.

Dessa Maneira a Comissão Científica encaminha o material para apreciação do Comitê de Ética da PUCRS.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Marlene Neves Strey
Coordenadora da Comissão Científica FAPSI

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11– 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br

ANEXO III**Termo de Assentimento**

Prezada participante:

Somos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Você está sendo convidada a participar de um estudo que tem como objetivo avaliar algumas características de personalidade e sua relação com comportamentos e com a identificação de expressões faciais. Para isso, você responderá a uma entrevista sobre características suas, história de vida e situações cotidianas. Também participará de uma atividade na qual exibiremos fotos de pessoas na tela do computador e você responderá qual emoção ela está apresentando, dentre as opções que iremos lhe mostrar.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária e ao participar você não terá ganho financeiro ou outro benefício, mas contribuirá muito para o conhecimento científico sobre determinadas características de personalidade para a nossa pesquisa. Você também não terá qualquer prejuízo ao participar desta pesquisa e os resultados não influenciarão na sua situação jurídica. Você também poderá desistir da sua participação em qualquer momento.

Os resultados dessa pesquisa só serão utilizados para fins científicos e as suas respostas não serão divulgadas, e sim, serão transformadas em dados numéricos. Estes dados serão submetidos a uma análise estatística, portanto, não ficará registrada qualquer informação fornecida na entrevista. Para garantir o seu anonimato, ao invés de ser identificada pelo seu nome, nós iremos identificá-la apenas por números.

Agradecemos a sua atenção e nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Roberta Salvador Silva
Mestranda em Psicologia
PUCRS

Prof^a. Dr^a. Adriane Xavier Arteche
Orientadora
PUCRS

Nome e assinatura da participante

**Aceito participar desta pesquisa e declaro ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido.**

Porto Alegre, ___/___/___

ANEXO IV

Questionário de dados sociodemográficos

1. Idade: _____	17. Nos últimos 12 meses (antes da prisão), realizou algum trabalho remunerado/ emprego? () Não () Sim Qual? _____
2. Você sabe ler e escrever? () Sim () Não	18. Quanto tempo permaneceu nele? _____ anos _____ meses
3. Etnia: () Branca () Negra () Parda () Amarela () Indígena	19. Profissão da mãe: _____ 20. A mãe fazia uso abusivo de álcool? () Sim () Não 21. A mãe usava outras drogas? () Não () Sim. Qual? _____
4. Relacionamento: () Solteira () Namoro () Noivado () Casada ou morava junto ("ajuntada") () Separada/divorciada () Viúva	22. Profissão do pai: _____ 23. O pai fazia uso abusivo de álcool? () Sim () Não 24. O pai usava outras drogas? () Não () Sim. Qual? _____
5. Há quanto tempo estão juntos (em meses ou anos)? _____	25. Você tem alguma religião? () Não () Sim. Qual? _____
6. Já foi casada ou morou junto alguma vez? Quantas? _____	26. Você passou a praticar alguma religião dentro do presídio (que antes não praticava)? () Não () Sim
7. Qual o sexo do companheiro(a)? () F () M	
8. Cidade em que morava: _____	
9. Antes da prisão, você morava: () com os pais (ou um dos pais) () com outros parentes () sozinha () com amigos () com companheiro(a) () com filho(s) () albergue (instituição) () cômodo alugado/cedido () moradora de rua	27. Você teve a oportunidade de estudar: () nunca frequentei o colégio () até a 1ª série () até a 7ª série () até a 2ª série () até a 8ª série () até a 3ª série () até o 1º ano () até a 4ª série () até o 2º ano () até a 5ª série () até o 3º ano () até a 6ª série () comecei a faculdade () até a 7ª série () conclui a faculdade () voltei a estudar no presídio (série? _____)
10. Quantas pessoas moravam na mesma casa? _____	28. Você tem algum problema de saúde? (Ex. diabetes, HIV/AIDS). () Não () Sim. Qual? _____
11. Renda familiar (a família vive com quanto por mês): () até 300 reais () de 301 reais até um salário mínimo (622 reais) () de 622 a 1.000 reais () de 1.000 a 1.500 reais () de 1.500 a 2.000 reais () de 2.000 reais a 3.000 reais () de 3.000 reais a 4.000 reais () mais de 4.000 reais	29. Já fez tratamento psiquiátrico? () Não () Sim. Para o que (diagnóstico)? _____
12. Número de filhos: _____	30. Já teve alguma internação psiquiátrica? () Não () Sim. Para o que (diagnóstico)? _____
13. Idades: _____	31. Faz uso de alguma medicação? () Não () Sim. Qual? _____
14. Você era responsável pelo cuidado dos seus filhos ou outras crianças? () Não () Sim	32. Algum familiar já foi preso (incluindo companheiro/a)? () Não () Sim Qual/quais? _____
15. Tem filho dentro do presídio? () Não () Sim	33. Qual o delito? _____
16. Está grávida? () Não () Sim	34. Você já esteve presa anteriormente? () Não () Sim. Quantas vezes? _____
Trabalha no presídio () Não () Sim. No que? _____	35. Qual o delito e tempo de pena? _____
	36. Já realizou alguma fuga? () Não () Sim. Quantas? _____
	37. E tentativa de fuga? () Não () Sim. Quantas? _____
	38. Esteve na FEBEM/FASE quando era adolescente? () Não () Sim. Com que idade?
	39. Qual foi o ato infracional (crime)? _____
	40. Por qual/quais crime(s) você está presa atualmente?
	41. Já saiu a condenação? () Não () Sim. De quanto tempo é?

ANEXO V

Itens avaliados na Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P) - versão em português brasileiro

1. Interrupções
2. Recusa em tolerar interrupções
3. Desrespeita limites profissionais
4. Desrespeita limites pessoais
5. Testa o entrevistador
6. Faz comentários pessoais
7. Faz solicitações ao entrevistador
8. Tende a ser tangencial
9. Evita lacunas
10. Tranquilidade ou descontração atípica
11. Frustração diante do não confronto
12. Perseveração
13. Superioridade ética
14. Narcisismo explícito
15. Alusão ao entrevistador em histórias pessoais
16. Busca por aliança
17. Comportamento dramático
18. Irritação
19. Respostas impulsivas
20. Valentia expressa
21. Contato intenso do olhar